



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

INGRID PEREIRA DA TRINDADE

**INFÂNCIA NA IMPRENSA: REPRESENTAÇÕES DOS JARDINS DE INFÂNCIA
DE BRASÍLIA NO CORREIO BRAZILIENSE (DÉCADA DE 1970)**

BRASÍLIA - DF

2025



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE MÉTODOS E TÉCNICAS**

INGRID PEREIRA DA TRINDADE

**INFÂNCIA NA IMPRENSA: REPRESENTAÇÕES DOS JARDINS DE INFÂNCIA
DE BRASÍLIA NO CORREIO BRAZILIENSE (DÉCADA DE 1970)**

Trabalho Final de Curso (TCC) apresentado ao curso de graduação em Pedagogia da Universidade de Brasília, como exigência parcial para obtenção do grau de licenciada.

Orientadora: Profa. Dra. Etienne Baldez Louzada Barbosa.

BRASÍLIA-DF

2025

INFÂNCIA NA IMPRENSA: REPRESENTAÇÕES DOS JARDINS DE INFÂNCIA DE BRASÍLIA NO CORREIO BRAZILIENSE (DÉCADA DE 1970)

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de graduação em Pedagogia da Universidade de Brasília, como exigência parcial para obtenção do grau de licenciada.

Aprovado em

Profa. Dra. Etienne Baldez Louzada Barbosa – MTC/FE/UnB
Orientadora

Profa. Dra. Caetana Juracy Rezende Silva – TEF/FE/UnB
Examinadora

Profa. Dra. Shirleide Pereira da Silva Cruz – PGE/FE/UnB
Examinadora

Prof. Ms. Patrick Antunes Menezes – PPGH/UFF
Suplente

CIP - Catalogação na Publicação

p" Pereira da Trindade, Ingrid .
 "INFÂNCIA NA IMPRENSA: REPRESENTAÇÕES DOS JARDINS DE
 INFÂNCIA DE BRASÍLIA NO CORREIO BRAZILIENSE (DÉCADA DE
 1970)" / Ingrid Pereira da Trindade;

 Orientador: Etienne Baldez Louzada Barbosa. -- Brasília,
 2025.
 24 f.

 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Pedagogia) --
 aqui Universidade de Brasília, 2025.

 1. Educação pré-escolar.. 2. Jardins de infância. 3.
 Imprensa e educação. I. Baldez Louzada Barbosa, Etienne ,
 orient. II. Título.

Para minha família, minha fonte de
inspiração, meu profundo agradecimento
pelo apoio incondicional e pelos valores
que carrego comigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me concedeu o dom da vida, pelas oportunidades, pela força de vontade e coragem para superar todos os desafios que até aqui presenciei.

Aos meus pais, Rosineide Pereira da Silva e Edemilson Pereira da Trindade, por me ensinar a ser forte e não desistir fácil dos meus sonhos.

As minhas irmãs, Daniela Trindade, Gabriela Trindade e Marcela Trindade, por serem minhas companheiras em tudo.

As minhas queridas companheiras de estudos, Gabriela Souto e Ana Carine, foram anos incríveis compartilhando salas de aula com vocês, muito obrigada por tudo que fizeram por mim e por terem segurado a minha mão nos momentos em que eu quis desistir.

A minha orientadora, Profa. Dra. Etienne Baldez, por toda paciência e ensinamentos que foram repassados.

A banca examinadora que aqui está presente, agradeço a disponibilidade de cada um de vocês.

Minha eterna gratidão à Universidade de Brasília, em especial à Faculdade de Educação e a todos os professores que contribuíram com a minha formação, desde a educação básica até o ensino superior.

MEMORIAL

Meu nome é Ingrid Pereira da Trindade, tenho 22 anos e, confesso, nunca fui boa em falar sobre mim mesma ou sobre minha trajetória de vida. Às vezes, não sei nem por onde começar. Sou a caçula de quatro filhas e cresci em Planaltina, no Distrito Federal, mais precisamente no bairro Vila Nossa Senhora de Fátima.

Minha infância foi marcada por desafios, mas também por muito aprendizado. Meus pais, apesar da pouca instrução formal, sempre encontraram grande sabedoria na forma como conduziram nossas vidas. Mesmo com as dificuldades financeiras e a escassez de recursos, nunca faltou carinho, atenção e ensinamentos básicos sobre a importância da honestidade, do trabalho árduo e da perseverança. Aprendi desde cedo a valorizar o que realmente importa: a união da família, o esforço para alcançar objetivos e a importância de ser grato pelo que temos. Eles sempre fizeram questão de me incentivar a estudar e buscar um futuro melhor, mesmo sabendo que o caminho não seria fácil.

Hoje, ao olhar para trás, percebo o quanto minha trajetória tem sido moldada pela força de vontade e pelo exemplo dos meus pais. Eles me ensinaram que, independentemente das situações, a educação é a chave para superar barreiras. Concluir o curso de Pedagogia é uma realização não só minha, mas de toda a minha família, que sempre acreditou no meu potencial. Tenho a certeza de que, com tudo o que aprendi ao longo da vida, posso ajudar outras crianças a verem além das limitações, assim como meus pais acreditaram em mim.

Minha trajetória escolar foi marcada por uma rotina de dedicação e comprometimento. Desde o início da Educação Infantil, onde, apesar da timidez, sempre me procurei empenhar para aprender, até o ensino fundamental e médio, meu desempenho foi constante e tranquilo. Nunca tive grandes dificuldades, mas isso também não significa que tudo tenha sido fácil. Eu sabia que a disciplina e o esforço diário eram necessários para alcançar meus objetivos. Embora não gostasse de ser o centro das atenções, como em apresentações ou seminários, minha satisfação estava em poder aprender e fazer o meu melhor. Em nenhum momento sinto que meus pais precisariam se preocupar com a minha educação, o que me dava ainda mais motivação para seguir em frente.

O verdadeiro divisor de águas para mim foi a figura da professora Simone Goulart, que me acompanhou durante a Educação Infantil. Ela não foi apenas uma professora, mas também

uma mentora e inspiração. A forma como ela se dedicava aos alunos, como estimulava a curiosidade e o aprendizado, me marcou profundamente e me fez enxergar na Pedagogia uma verdadeira vocação. Desde aquela época, ficou claro para mim que, ao crescer, queria seguir os mesmos passos e, assim como ela, impactar a vida de outras crianças. Seu exemplo de carinho e compromisso com a educação plantou em mim a semente que, com o tempo, se transformaria na minha maior vocação e profissão.

Meus anos na escola foram repletos de momentos que, embora simples, ficaram guardados na memória. Estudei até o nono ano do Ensino Fundamental na mesma escola e isso me proporcionou uma sensação de pertencimento e continuidade, o que foi fundamental para o meu desenvolvimento. Ao longo desses anos, fiz amizades que até hoje cultivo com muito carinho. A rotina escolar era tranquila e, mesmo sendo uma criança mais reservada, sempre me senti acolhida por meus colegas e professores. A convivência ao longo dos anos criou um vínculo especial com a escola e com as pessoas que me acompanharam nesse processo, tornando essa fase da minha vida mais leve.

Ainda que minha timidez na infância fosse uma característica marcante, quando chamada para momentos coletivos em roda e cito a lembrança do dia em que fui chamado para ser a "linda rosa" na cantiga de roda gravações de forma especial ficaram em minha memória. Naquele dia, senti uma mistura de vergonha e alegria, mas foi uma experiência que me ensinou muito sobre coragem e superação. A professora Simone, com seu jeito carinhoso e gentil, foi uma das grandes responsáveis por tornar esses momentos de aprendizado tão valiosos. Mesmo em situações de "desconforto", como aquela, eu me senti acolhida e amparada, e isso contribuiu imensamente para minha formação pessoal e acadêmica. O impacto dessa experiência foi tão grande que até hoje, ao lembrar da "linda rosa", sinto uma sensação de orgulho e gratidão por ter vivido algo tão simples, mas tão formativo e significativo para a minha vida.

Concordo plenamente com o filósofo Rubem Alves, que defende que o aprendizado infantil deve ser uma experiência lúdica e prática, pois são nas brincadeiras e na interação com os colegas que as crianças realmente absorveram os ensinamentos mais profundos. Durante a infância, foi nesse ambiente de brincadeiras, jogos e experiências cotidianas que aprendi de maneira significativa. Esses momentos de vivência foram essenciais para minha formação, pois me ensinaram de forma natural para explorar o mundo ao meu redor, desenvolvendo habilidades e capacidades que jamais foram adquiridas apenas com a formalização do conhecimento

Ao ingressar no Ensino Fundamental, percebi que a dinâmica de aprendizagem mudou consideravelmente. O foco passou a ser na teoria, com mais ênfase na leitura, nas aulas expositivas e nos exercícios formais. Esse novo ritmo de mim um esforço extra, pois não foi mais tão imerso em uma abordagem prática e vivencial. No entanto, meu comprometimento com os estudos nunca vacilou. Embora não me considere uma pessoa naturalmente “inteligente”, sempre acredito que o esforço contínuo e a dedicação são fundamentais para alcançar objetivos, e foi com esse foco que continuei a me empenhar para acompanhar as exigências do currículo e conquista

O Ensino Médio foi, sem dúvida, uma fase de muitas emoções. Ao mesmo tempo em que eu me sentia empolgada com a ideia de terminar essa etapa e começar uma nova jornada, a preocupação sobre o futuro era um peso constante. Como muitos jovens, eu via o Ensino Médio como uma porta para um novo capítulo, mas sabia que ele exigia muito mais de mim. O grande foco da minha vida nesse período foi a Universidade de Brasília (UnB), que se tornou meu objetivo maior. Eu não imaginava outro caminho e estava disposto a fazer o que fosse necessário para alcançar esse sonho. Esse desejo de estudar na UnB me impulsionou todos os dias, fazendo com que eu me dedicasse ao máximo, mesmo

Durante esses três anos de Ensino Médio, cada escolha foi feita com base nesse objetivo. Passei horas estudando, me preparando tanto para o PAS (Programa de Avaliação Seriada) quanto para o vestibular da UnB. A pressão era intensa, e, às vezes, a dúvida se eu seria capaz de atingir a nota necessária que eu consumia. No entanto, nunca desisti. Estava determinado a conquistar esse sonho, e com muito esforço, persistência e apoio da minha família, finalmente consegui ser aprovada. Olhando para trás, percebi que cada momento de ansiedade e esforço valeu a pena, pois a conquista de ingresso na universidade foi a realização de um objetivo que, por muito tempo, parecia distante, mas que se tornou realidade.

Hoje, ao olhar para trás, vejo o quanto percorri para chegar até aqui e tudo o que conquistei ao longo dessa trajetória. Estou pretendendo concluir o curso de Pedagogia na Universidade de Brasília, e essa realização me emociona profundamente, pois representa muito mais do que uma simples conquista acadêmica. É a materialização de um sonho que nasceu ainda na infância e que foi alimentado a cada passo que dei, mesmo diante de tantos desafios. Essa vitória é um reflexo do esforço constante, das superações diárias e da persistência diante das dificuldades que a vida me impõe. Sei que cada obstáculo que enfrentei, desde a minha formação básica até a preparação para a universidade, me tornou mais forte.

Essa conquista também tem um valor muito especial, pois vem de uma trajetória marcada pela luta e pelos sacrifícios da minha família, que sempre me apoiou e acreditou no meu potencial, mesmo em momentos de incerteza. Através dos olhos de meus pais, pude aprender o verdadeiro significado de dedicação, trabalho árduo e humildade. Hoje, ao ver meu nome sendo estampado no diploma de uma universidade como a UnB, posso perceber o quanto meu esforço, o esforço da minha família e a minha determinação para transformar meu sonho em realidade foram fundamentais. Cada desafio superado me tornou a pessoa que sou hoje, e cada passo dado, por menor que fosse, me trouxe até aqui. Com esse diploma, não apenas celebro a minha vitória, mas também a vitória da minha história e da minha família.

Agradeço a Deus por ter me dado a oportunidade de chegar até aqui e a todos os professores que contribuíram para minha formação. Sem o apoio deles, esse momento não seria possível.

Por fim, deixo o meu mais sincero agradecimento a todos que fizeram parte dessa jornada. A cada um que me acompanhou, que me apoiou, que me desafiou a ser melhor, eu sou eternamente grata.

Com os estudos aqui abordados percebo a importância de professores inspiradores em nossa trajetória escolar, como foi a professora Simone Goulart, que marcou a minha experiência na educação infantil, podemos traçar um paralelo com o impacto que os primeiros educadores de Brasília tiveram nas crianças da época. Em muitos jardins de infância, a proposta pedagógica visava o desenvolvimento integral das crianças, combinando atividades lúdicas, brincadeiras e a introdução ao mundo do conhecimento, algo que você já experimentava na sua infância, com as cantigas de roda e as experiências vivenciais.

Vendo a minha trajetória de vida até o presente momento com tudo estudado neste trabalho as experiências educacionais da década de 1970 em Brasília, evidencia como o direito à educação e a inclusão sempre foram elementos fundamentais para o meu crescimento, além de serem pontos centrais para o avanço da educação infantil no Brasil. O que começou nos jardins de infância, com a valorização do brincar e do aprender de forma lúdica, continua reverberando em minha jornada acadêmica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. UMA REDE EDUCATIVA NA NOVA CAPITAL: OS JARDINS DE INFÂNCIA INSTITUÍDOS	16
2. NOTÍCIAS E CLASSIFICADOS: OS JARDINS DE INFÂNCIA PÚBLICOS E PRIVADOS	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	27

INFÂNCIA NA IMPRENSA: REPRESENTAÇÕES DOS JARDINS DE INFÂNCIA DE BRASÍLIA NO CORREIO BRAZILIENSE (DÉCADA DE 1970)

Ingrid Pereira da Trindade¹

Profa. Dra. Etienne Baldez Louzada²

RESUMO

Este trabalho analisa a organização e a expansão da educação pré-escolar em Brasília durante a década de 1970, com enfoque nas notícias e classificados do *Correio Braziliense*, destacando-se também a influência das legislações educacionais nacionais, como a Lei nº 4024/1961 e a Lei nº 5692/1971, na estruturação dos jardins de infância e escolas maternas. A pesquisa evidencia que, embora a educação pré-primária tenha sido inicialmente contemplada como parte do ensino de 1º grau, houve um esforço significativo para integrá-la ao sistema educacional, especialmente em Brasília, que serviu como modelo para o país. O estudo também aborda a formação de professores, a influência da imprensa na divulgação e promoção da educação infantil, e a oferta de instituições públicas e privadas. Através da análise de documentos oficiais, anúncios de jornais e manuais pedagógicos, o artigo demonstra como a educação pré-escolar foi concebida como uma política pública essencial para o desenvolvimento infantil e a preparação para o ensino primário.

Palavras-chave: Educação pré-escolar. Imprensa e educação. Jardins de infância

ABSTRACT

This study examines the organization and expansion of preschool education in Brasília during the 1970s, focusing on news and classified advertisements from the *Correio Braziliense* newspaper, as well as the influence of national educational legislation, such as Law nº 4024/1961 and Law nº 5692/1971, on the structuring of kindergartens and maternal schools. The research highlights that, although preschool education was initially included as part of primary education, significant efforts were made to integrate it into the educational system, particularly in Brasília, which served as a model for the country. The study also addresses teacher training, the role of the press in promoting and disseminating early childhood education,

¹Graduanda ou Graduando do curso de Pedagogia a Distância; artigo refere-se à apresentação do trabalho de conclusão de curso.

²Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, do Departamento de Métodos e Técnicas e orientadora deste trabalho de conclusão de curso.

and the availability of public and private institutions. Through the analysis of official documents, newspaper advertisements, and pedagogical manuals, the article demonstrates how preschool education was conceived as an essential public policy for child development and preparation for primary education.

Keywords: Preschool education. Press and education. Kindergartens

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se volta para a constituição de uma educação pré-escolar ou pré-primária em Brasília, na década de 1970, considerando uma circulação nacional sobre a instituição desses espaços de educação da criança pequena no Brasil – de 3 a 6 anos de idade – que dialoga com o que estava sendo considerado e efetivado em Brasília no referido período. Aqui se atenta para o que Moysés Kuhlmann (2007) demarca sobre a importância de se atentar para a história da Educação Infantil, considerando que:

As instituições de educação da criança pequena estão em estreita relação com as questões que dizem respeito à história da infância, da família da população, da urbanização, do trabalho e das relações de produção, etc. – e, é claro, com a história das demais instituições educacionais (Kuhlmann, 2007, p. 16).

Em outras palavras, considera-se neste estudo as relações entre as notícias sobre a educação pré-escolar ao mesmo tempo que se considera o contexto social, político, econômico, urbano, cultural de Brasília no período estudado.

Este trabalho tem como foco a análise das notícias e representações dos jardins de infância de Brasília na década de 1970, com base em fontes da imprensa local, especialmente do jornal *Correio Braziliense*. O problema central que motiva este estudo é identificar como os jardins de infância eram retratados na mídia da época, principalmente nas seções de notícias e nos classificados, e como essas representações refletem as condições, práticas pedagógicas e a infraestrutura desses espaços educativos. A investigação parte da premissa de que essas publicações podem fornecer um panorama detalhado das instituições de educação infantil na capital do país, revelando aspectos como o número de escolas, as práticas adotadas, a formação dos professores, a quantidade de crianças matriculadas, além de informações sobre os materiais e a organização dos espaços.

A hipótese levantada é que as notícias e anúncios classificados do *Correio Braziliense* podem trazer informações significativas sobre os jardins de infância de Brasília na década de 1970. Supõe-se que essas fontes revelem dados sobre as práticas pedagógicas direcionadas às

crianças, a infraestrutura das instituições, incluindo os materiais utilizados, e as condições de matrícula, com destaque para o perfil das crianças atendidas e das profissionais envolvidas. Além disso, essas informações, reunidas e analisadas de forma sistemática, poderão proporcionar um conhecimento mais aprofundado sobre o desenvolvimento da educação infantil na cidade durante o período, contribuindo para a construção da história da educação pré-escolar em Brasília.

O objetivo geral deste estudo é, portanto, analisar as notícias e os classificados do *Correio Braziliense* acerca dos jardins de infância em Brasília na década de 1970. A partir disso, os objetivos específicos incluem mapear as ocorrências sobre esses espaços educacionais na imprensa, realizar um levantamento dos estudos historiográficos que já abordaram o tema, e elencar as questões relacionadas aos jardins de infância nesse período. A escolha da década de 1970 como recorte cronológico justifica-se tanto pela continuidade dos estudos sobre a década de 1960, que tratam da criação da cidade e das primeiras instituições educacionais, quanto pela relevância da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 5692/1971), que, ao tratar do ingresso no ensino primário, também estabelece a necessidade de oferecer educação a crianças de até sete anos, regulamentando o funcionamento dos jardins de infância e de instituições equivalentes no país.

Quanto ao levantamento de fontes, eles se deram no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (HDBN), com as seguintes expressões de busca: jardins de infância (212 ocorrências); jardim de infância (1.520), educação primária (696). No que concerne ao levantamento bibliográfico, a pesquisa foi feita na Scielo, na BDN/UnB e na BDTD, tendo como base as seguintes expressões: Jardim de Infância em Brasília; Jardim de Infância no Distrito Federal; Organização da educação pré-escolar em Brasília; Organização da educação pré-primária em Brasília, considerando as décadas de 1960 e 1970, por entender que a década anterior a esta pesquisa é importante para compreender os desdobramentos da organização e das práticas nos jardins de infância na década posterior, 1970. Os critérios para a seleção dos estudos: 1) Ler o título e verificar se nele há indícios da relação entre os objetivos deste trabalho e o que foi pesquisado pelos autores (as) ou autor (a); 2) Verificada a relação, foi feita a leitura do resumo; 3) Confirmada a pertinência do estudo para este trabalho, ele foi separado para ser lido na íntegra e suas contribuições entrarem nas análises realizadas ao longo desta escrita.

Feita essa primeira apresentação deste estudo, é pertinente já informar que ele se subdivide em dois momentos. No primeiro, intitulado “Uma rede educativa na nova capital: os jardins de infância instituídos”, o foco foi apresentar, por meio dos estudos científicos que tomam Brasília e a organização da educação, como que os jardins de infância comparecem já

representados desde a idealização de um sistema de ensino. No segundo, “Notícias e classificados: os jardins de infância públicos e privados”, a intenção é apresentar que notícias circulam sobre essa rede pública que toma os jardins de infância em Brasília e como que comparecem os jardins privados dentro do jornal, como eles se apresentam e explicitam suas práticas pedagógicas, para que os (as) responsáveis pelas crianças façam matrícula em suas unidades e arquem com as mensalidades.

1. Uma rede educativa na nova capital: os jardins de infância instituídos

Nesta seção, o foco se volta para a organização da rede de atendimento às crianças pequenas em Brasília, DF, passada a primeira década de inauguração da capital do país.

Sobre essa primeira década, é possível evidenciar, pelos estudos já publicados, que em 1961, a Lei nº 4024, fixou as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1961) e determinou, no Capítulo I, que a educação pré-primária se destinava às crianças menores de sete anos e que seria ministrada em escolas maternas ou jardins de infância (Art. 23) e que as empresas que tivessem mães com crianças nessa faixa etária indicada, seriam “estimuladas a organizar e manter, por iniciativa própria ou em cooperação com os poderes públicos, instituições de educação pré-primária” (Art. 24).

Já na década aqui investigada, tem-se a publicação da Lei nº 5692, que fixou as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus e deu outras providências (Brasil, 1971), e que não contempla mais a educação pré-primária em capítulo específico, trazendo-a no Capítulo II, do Ensino de 1º grau, ou seja, na relação com a educação primária. Nesse capítulo está posto que “os sistemas de ensino velarão para que as crianças de idade inferior a sete anos recebam conveniente educação em escolas maternas, jardins de infância e instituições equivalentes” (Brasil, 1971, Art. 19 § 2º). Atentando-se para o sentido da palavra velar, enquanto verbo transitivo – proteger, exercer vigilância, não abandonar, interessar-se (DPLP, 2025) - é possível refletir se a década de 1970, pela legislação nacional vigente, não foi um período em que a educação pré-escolar não esteve muito privilegiada enquanto planejamentos de política pública que tomassem uma especificidade do atendimento às crianças pequenas sem se atentar para uma intenção maior com a educação no país como um todo.

Há duas décadas, Fúlvia Rosenberg (2003a) já evidenciava que a educação infantil era uma política pública educacional e de assistência às famílias e às pessoas trabalhadoras, sendo integrada ao patamar das políticas sociais, ou seja, como “uma intervenção do poder público no sentido de ordenamento hierárquico de opções entre necessidades e interesses explicitados

pelos diferentes segmentos que compõem a sociedade” (Rosenberg, 2003a, p.178). Ao atentar-se para um panorama sobre a educação infantil em uma perspectiva contemporânea, Fúlvia Rosenberg (2023b) demarca que nas décadas de 1970 e 1980 se tem um período de alinhamento aos indicativos do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), consolidando no país uma ação em prol de um modelo de educação de massa.

A partir da década de 1970, houve uma expansão da educação pré-escolar, com a crescente oferta de creches e jardins de infância, de qualidade heterogênea, em que modelos de custo e qualidade mínimas conviveram com propostas mais estruturadas. O Plano de Assistência ao Pré-Escolar, do Departamento Nacional da Criança (DNCr), elaborado de acordo com as orientações da Unicef (Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância), ao final da década de 1960, indicava igrejas de diversas designações para implantarem Centros de Recreação destinados ao atendimento de crianças entre 2 e 6 anos de idade. A Educação Pré-Escolar passou a ser contemplada pelo Ministério da Educação no II Plano Setorial de Educação e Cultura (PSEC) elaborado para os anos de 1975 a 1979, no intuito de preparar a criança “carente cultural”, para o acesso ao ensino primário, implantando-se o que se conhece por “educação compensatória”, que entendia a criança pobre como alguém que necessitava da escola para superar as carências que caracterizavam a sua condição social (Vasconcelos; Kuhlmann Jr., 2022, p. 3).

O trecho anterior, de Kelly Vasconcelos e Moysés Kuhlmann (2022), permite apresentar uma síntese da década de 1970 no Brasil, quando se trata da educação pré-escolar ou pré-primária, como era identificada na legislação e em alguns textos, seja no jornal ou publicações da época. Partindo do nacional para o local, de acordo com as pesquisas realizadas com os documentos oficiais postados no início da década de 1960, Brasília, a capital federal, seria um exemplo e demonstrações da educação para o país com o seu conjunto de escolas, como relata Anísio Teixeira (1961) no trecho a seguir, retirado do início do documento intitulado “Plano de Construções Escolares de Brasília” (Teixeira, 1961): “o plano de construções escolares para Brasília obedeceu ao propósito de abrir oportunidade para a Capital Federal oferecer à Nação um conjunto de escolas que pudessem constituir exemplo e demonstração para o sistema educacional do País”. (Teixeira, 1961, p. 195).

Dessa forma, o governo tinha como objetivo transformar a instituição em um modelo de ensino e em um “amplo campo de experimentação de técnicas novas” (Kubitschek, 2000, p. 140). Caso essas inovações se mostrassem bem-sucedidas, seriam posteriormente aplicadas em outros setores das atividades nacionais.

No Plano de Construções Escolares de Brasília (1961), a organização educacional priorizou a estruturação dos centros de educação elementar antes mesmo da formalização das escolas. Esses centros eram compostos por pavilhões destinados ao jardim de infância, à escola-

classe, à educação física, às artes industriais", entre outros setores, promovendo o desenvolvimento integral das crianças. Dentro dessa estrutura, os jardins de infância atendiam crianças de 4 a 6 anos, enquanto as escolas-classes eram responsáveis por fornecer uma educação intelectual sistemática para alunos de 7 a 14 anos. (Teixeira, 1961).

O plano arquitetônico de Brasília destinava que seria construído a cada quadra residencial 1 jardim da infância, com 4 salas, para, em 2 turnos de funcionamento, atender a 160 crianças (8 turmas de 20 crianças); 1 escola-classe, com 8 salas, para, em 2 turnos, atender a 480 meninos (16 turmas de 30 alunos) (Teixeira, 1961), assim, abrangendo toda a população que ali iriam viver. Dessa forma, assim seria construído para que as crianças que ali morariam não precisassem de veículos para se locomoverem até as instituições de ensino.

Ao conceber o plano para as escolas elementares, Anísio Teixeira (1961) considerou a segurança e a supervisão das crianças como aspectos fundamentais da arquitetura educacional. Nesse sentido, idealizou a construção de um jardim de infância e uma escola-classe em cada quadra, garantindo maior controle e segurança das crianças. Essa preocupação com a organização do espaço escolar e sua relação com o desenvolvimento infantil também é abordada por Viñao Frago e Agustín Escolano (2001) em sua obra “Currículo, Espaço e Subjetividade”. No primeiro capítulo do livro, os autores analisam o surgimento das primeiras cidades e os critérios que influenciaram a criação das instituições escolares, evidenciando a importância do espaço na construção da experiência educação.

Com a população da época aumentando e a quantidade de crianças se viam cada vez maior, as instituições de ensino estavam crescendo em grandes números e desta forma teriam que ser ocupado por professores bem capacitados, na lei citada acima em seu artigo 29 nos fala:

Art. 29. A formação de professores e especialistas para o ensino de 1º e 2º graus será feita em níveis que se elevem progressivamente, ajustando-se às diferenças culturais de cada região do País, e com orientação que atenda aos objetivos específicos de cada grau, às características das disciplinas, áreas de estudo ou atividades e às fases de desenvolvimento dos educandos (Brasil, 1971, Art. 29).

A Lei de Diretrizes e Bases indicada no trecho anterior (Brasil, 1971) traz que a formação dos professores se dar de forma obrigatória, contínua, diversificada e adaptada às condições regionais e pedagógicas do país, garantindo um ensino mais eficiente e contextualizado. Na pesquisa de Marina Kruger (2024), na década aqui abordada, 1970, a capacitação desses professores era dada por meio de manuais que “ajudariam as professoras leitoras desses manuais a entenderem de forma teórica os conceitos da psicologia e pedagogia que circundam a sala do pré-escolar.” (Kruger, 2024, p. 6). Posteriormente, os guias fornecem

aos professores os dados essenciais sobre as práticas diárias no contexto escolar. São disponibilizadas propostas de atividades direcionadas a diferentes áreas do conhecimento, como música, artes, matemática e leitura, conforme a faixa etária dos estudantes. Além disso, há instruções sobre a utilização dos materiais e a gestão do tempo. O material também inclui as diretrizes para a organização do planejamento e a criação de relatórios individualizados para cada aluno (Kruger, 2024).

O Plano de Construções Escolares de Brasília (Teixeira, 1961), aborda que as escolas dos tempos atuais voltariam a se transformar conforme as novas demandas surgidas na sociedade, que se torna cada vez mais complexa, com novas maneiras de organização do trabalho produtivo e das interações sociais. Com isso vem a especialização reparar educadores capazes de ajustar o currículo a toda gama de aptidões individuais.

O pensamento de Móyses Kuhlmann (1988, p. 16), de que “a história da educação em geral precisa levar em conta todo o período da infância, identificada aqui como condição da criança, com limites etários claros, subdivididos em fases da vida para os quais se criaram instituições educacionais específicas”, reforça essa ideia ao destacar que as instituições de educação infantil estão intrinsecamente ligadas à sociedade, à família e ao contexto urbano, o que exige uma estrutura educacional adaptada às diferentes fases da infância. Isso dialoga diretamente com o Artigo 10 da Lei nº 5.692/1971, pois ele prevê a descentralização da educação, permitindo que os sistemas estaduais e municipais organizem o ensino conforme as particularidades de suas comunidades.

Dessa forma, a educação infantil e a organização do ensino fundamental – conforme são conhecidas essas etapas da educação básica atualmente – ou a educação pré-escolar e educação primária, como eram na década de 1970, devem considerar não apenas aspectos pedagógicos, mas também as condições sociais e históricas das crianças, garantindo que a formação inicial esteja alinhada às necessidades educacionais e sociais de cada contexto.

As propostas educacionais e a implementação dos jardins de infância e das escolas-classes demonstraram um esforço governamental para estruturar um modelo educacional que não apenas atendesse às necessidades imediatas da população, mas também servisse como referência para o restante do país. Desde a década de 1960, com a promulgação da Lei nº 4024/1961, até a reformulação educacional trazida pela Lei nº 5692/1971, observou-se um movimento de transformação e adaptação do ensino para crianças menores de sete anos. Os estudos evidenciam que a educação pré-primária teve um papel central na concepção educacional de Brasília, a necessidade de constante adaptação e aprimoramento das políticas

educacionais permanece um fator essencial para garantir que a educação infantil continue sendo valorizada e promovida como um direito fundamental de todas as crianças brasileiras

2. Notícias e classificados: os jardins de infância públicos e privados

Na década de 1970, a imprensa passou a ser usada de forma mais frequente para as evidências históricas que estavam acontecendo no país, mesmo sendo um jornal diário, conseguimos observar muitas notícias sobre a atual situação da educação no país e na capital federal, Brasília. Aqui o olhar central está para a educação nos jardins de infância de Brasília, na década de 1970 pela imprensa do *Correio Braziliense*, principalmente nos classificados. No que se diz a respeito da educação escolar, a imprensa diz que:

[...] agente de propaganda e, em certa medida, produtora da escola e da escolarização. Muitas matérias, notícias, editoriais – a leitura contínua de qualquer jornal o confirma – falam, criticam, incentivam, sugerem e colocam a escola e a escolarização no primeiro plano da cena social, ensejando, na pesquisa histórica, que se retenham vozes, as mais diferentes, de pessoas que agem no sentido de atribuir valor e significado à instituição escolar nos diversos tempos e espaços nos quais a imprensa periódica é posta em circulação (ANJOS, 2016, p. 107).

A citação de Anjos (2016, p. 107) aborda a imprensa como um “agente de propaganda” e, em certa medida, uma “produtora da escola e da escolarização”. Nesse sentido, a mídia, especialmente por meio de materiais, notícias e editoriais, exerce um papel fundamental na construção e na difusão da ideia de escola e educação na sociedade. Através de sua abordagem constante da temática educacional, a imprensa não apenas destaca a escola como um valor central, mas também a coloca em discussão, seja de forma crítica, seja como um incentivo para a reflexão social sobre o papel da educação.

Além disso, a citação sugere que a imprensa, ao colocar a escola e a escolarização no centro do debate social, cria um campo fecundo para a pesquisa histórica. As publicações periódicas tornam-se fontes essenciais para captar as diferentes vozes e interpretações que circulam na sociedade, revelando como diferentes grupos e indivíduos atribuem valor e significado à instituição escolar em diversos tempos e espaços históricos. Portanto, ao observar como a mídia tem influenciado a percepção pública sobre a escola ao longo do tempo, é possível compreender a construção social da educação, suas implicações culturais e o modo como ela é constantemente reconhecida.

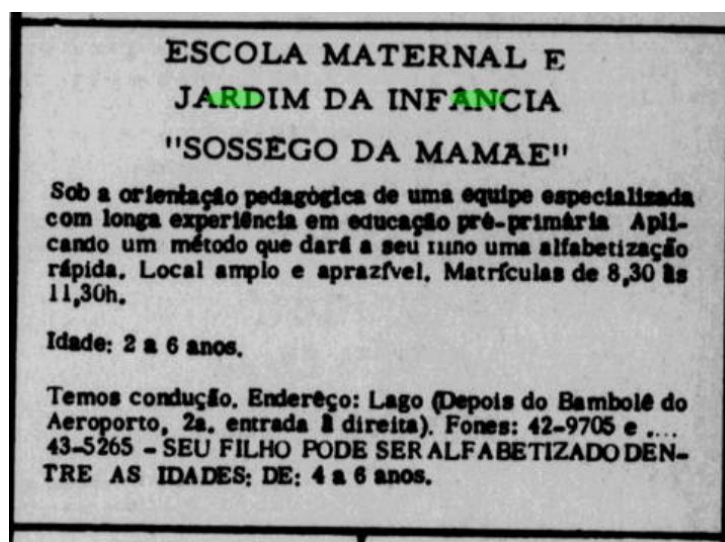
Outro ponto importante a ser considerado é que, nas páginas dos jornais, o que chamamos de notícias nem sempre representa o fato em si, mas sim uma interpretação ou relato

sobre o que ocorreu, então de certa forma o pesquisador trabalha com o que aconteceu propriamente dito e o mesmo observa Gilberto Freyre (1979) em relação aos anúncios:

No anúncio procura-se “atrair, prender, absorver” a atenção do leitor de jornal, de modo todo especial: com objetivos práticos e imediatos, através de palavras capazes de conquistar o leitor para o anunciante ou para o objeto anunciado, à revelia de compreensão do assunto ou de reflexão sobre o mesmo objeto da parte do leitor sugestionado. (Freyre, 1979, p. XLVII - grifos do autor).

Ao observar os classificados do Correio Braziliense, não são apenas pequenos anúncios sobre os jardins, mas, neste estudo, eles possibilitam acompanhar os vestígios sobre as práticas pedagógicas, as matrículas, os próprios espaços, anunciadas para as famílias com crianças até sete anos de idade. A imagem a seguir permite visualizar um desses anúncios:

Figura 1: Escola Materna e Jardim de Infância Sossego da Mamãe



Fonte: Correio Braziliense, 6/2/1970, página 6a

Primeiro, é pertinente destacar que esse anúncio aparece durante toda a década de 1970 no jornal, sendo recorrente sua publicação nos Classificados. Para além disso, é possível refletir na representação sobre o que era um jardim de infância para aqueles (as) que matriculariam suas crianças na instituição: um lugar para os pequenos ficarem por um período e para, assim, darem um pouco de sossego para as suas mães. Outra representação é a de que no jardim de infância se alfabetiza, como disposto nos trechos: “um método que dará a seu filho uma alfabetização rápida” e “seu filho pode ser alfabetizado dentre as idades de: 4 a 6 anos”, esse último trecho em letras maiúsculas, uma estratégia de publicações para chamarem atenção dos pais interessados a alfabetizarem os filhos. Nos classificados como observamos acima o trecho

que fala de um método que dará a alfabetização rápida para a criança que ali frequentar aquele jardim de infância, estudos relacionados as orientações para professoras do pré-escolar na década de 1970, as referências pedagógicas utilizadas pelas professoras dos jardins de infância do Distrito Federal, sobretudo do Jardim de Infância da Escola Normal de Brasília, foram manuais que de acordo com Filho (2008), “são livros que enfocam atividades e formas de organizar a educação das crianças pequenas em turmas de creches, jardim-de-infância, escolas maternais e pré-escola” (Filho, 2008, p. 106). Esses manuais são documentos históricos que hoje permitem que observamos como foi o processo de alfabetização das crianças na década de 70.

A cartilha Ataliba foi elaborada pela professora Ivonilde Morrone ainda na década de 1960, utilizando o método eclético ou misto. Esse método consiste na combinação dos métodos de alfabetização sintética e analítica. No entanto, Ivonilde “não desejava apenas uma fusão simples de métodos, mas sim aproveitar o que havia de melhor em cada técnica ou abordagem de alfabetização” (Morrone, 1990, *apud* Diniz, 2012, p. 65).

A cartilha tinha como objetivo o estudo das sílabas e traz um método de algo bem mais concreto do que apenas a leitura das frases que nela estava presente. Todas as imagens eram em branco, permitindo que as crianças pintassem. Isso reflete uma concepção específica sobre o desenho e os materiais utilizados para colorir, pelo menos no contexto de sua aplicação inicial. Talvez, naquele momento, quando a cartilha começava a ser utilizada, a criança ainda não era entendida na relação com a publicação como apta a se representar, sendo orientada a substituir os nomes dos personagens infantis pelos seus próprios, sem se desenhar, e a usar materiais de pintar ou utilizar algum material que rasgasse ou manchasse as folhas.

A cartilha Ataliba, ao integrar os métodos sintético e analítico, buscava uma abordagem equilibrada que priorizava o aprendizado das sílabas de forma concreta, aliada à interação lúdica por meio da pintura. Essa estratégia refletia uma tentativa de adaptar o processo de alfabetização às necessidades das crianças, incentivando sua participação ativa. No entanto, a ausência de estímulo à autorrepresentação por meio de desenhos e a restrição ao uso de materiais que não danificassem as folhas revelam uma visão ainda limitada sobre a autonomia e a expressão infantil. Esses dois aspectos, embora aparentemente contraditórios, mostram como a cartilha equilibrava inovações pedagógicas com as convenções da época, destacando tanto os avanços quanto os desafios na concepção de materiais educativos na década de 1960.

Outro fator que pode ser considerado nas indicações do anúncio é aquele que se remete ao espaço, ao método e a uma equipe especializada, ou seja, uma equipe que tem formação para

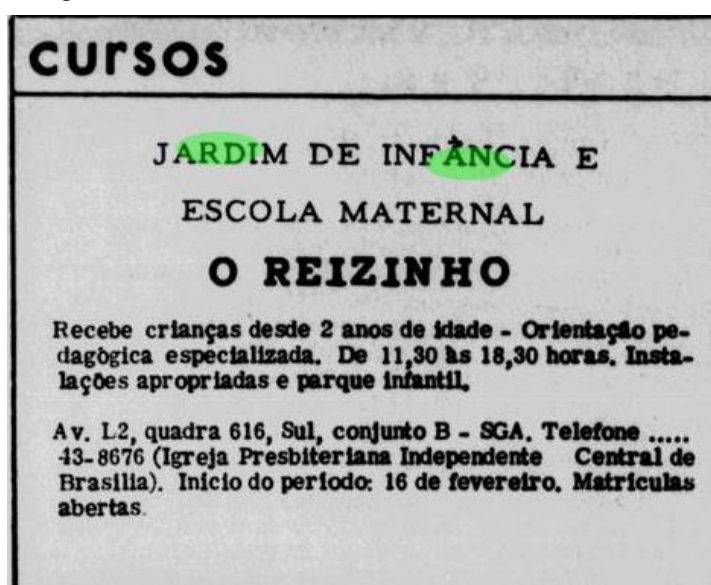
estar ali, formação esta que provavelmente foi feita nas Escolas Normais, seja a de Brasília ou a de outros estados.

Embora não seja explicitamente mencionado na legislação, entende-se que a pré-escola ou o pré-primário, voltado para crianças de 4 a 6 anos, estava contemplada na formação, especialmente ao se considerar o ano de prática pedagógica específica e os cursos de especialização, que poderiam ser direcionados para essa etapa da educação. Em relação à formação de professores, a Lei 5.692/71, em seu capítulo V, que trata dos Professores e Especialistas, distribuídos que para lecionar no ensino primário seria necessária uma habilitação específica de 2º grau (Brasil, 1971, Art. 30). Essa alteração no sistema educacional do país impactou o ensino das Escolas Normais, que foram gradualmente substituídos pelo magistério.

Dessa forma, a formação de professores no Brasil, especificamente para a educação infantil e o ensino primário, passou por transformações significativas com a Lei 5.692/71. A substituição das Escolas Normais pelo magistério e a inclusão de uma habilitação específica para o ensino primário evidenciam a tentativa de adequar a formação docente às novas demandas educacionais do país. A pré-escola, embora não mencionada de forma explícita na legislação, foi contemplada no processo de formação, especialmente com a ênfase na prática pedagógica e nos cursos de especialização direcionados a essa faixa etária. Assim, a qualificação de uma equipe especializada e o uso de métodos adequados, como as origens das Escolas Normais e outras instituições formadoras, foram fundamentais para garantir a profissionalização dos docentes que atuariam nas etapas iniciais.

Continuando, outro anúncio recorrente é o da Escola Maternal e Jardim de Infância O Reizinho:

Figura 2: Jardim de Infância e Escola Maternal “O Reizinho”



Fonte: Correio Braziliense, 5/2/1970, página 6a

Com a mesma observação que foi feita na Escola Materna e Jardim de Infância Sossego da Mamãe, o Jardim de Infância e Escola Maternal O Reizinho, traz a criança como o centro da casa, como o ser mais valioso que a família possui, recebem crianças a partir dos 2 anos de idade, contendo no espaço das instituições “instalações apropriadas e parque infantil”. Nessa direção, o quadro a seguir possibilita uma rápida visualização de uma lista de instituições que anunciam seus espaços educativos pré-escolares:

Quadro 1: Instituições Pré-escolares nos Classificados

Nome	Local
Escola Maternal O Reizinho	616 sul – Igreja Presbiteriana Independente
Escola Maternal e Jardim da Infância Sossego da Mamãe	SHI / Sul Inter- quadras QIA e QIB Lago (depois do Bambolê do Aeroporto 2ª entrada)
Escolinha de Arte Aliança	Secretaria da Aliança Francesa, W4, em frente a quadra 708.
Jardim de Infância – Casa do Pinóquio	Cruzeiro – quadra 54, casa 16
Colégio Notre Dame – jardim de infância, pré primário, primário (mistos).	Avenida W5 - quadra 914
Jardim de Infância – O pequeno Príncipe	Avenida W5 – quadra 906 lote 7
Colégio Santa Rosa – maternal, jardim de infância, pré e primário.	Avenida L2 - quadra 601 Sul
Casúlo – jardim de infância	Avenida W5 sul, 905 sul.
Maternal e jardim Recanto infantil	SQS 313/314
Escola maternal e jardim de infância Pernalonga	Avenida W5, quadra 914 Sul
Jardim de Infância Cinderela	Superquadra Sul 409
Escola Adventista	L2 Sul 611 C
Escola Maternal e Jardim de Infância Tie Tae	Quadra 708 Sul casa 47

Fonte: Correio Braziliense, 1970 – elaborado pela autora

Somente as instituições pré-escolares privadas anunciavam em classificados a sua oferta. Os jardins de infância que estavam diretamente ligados a uma perspectiva pública da rede escolar, traçada no Plano de Construções Escolares de Brasília (Teixeira, 1961), tem suas chamadas de matrícula anunciadas no jornal em diferentes seções, quando chegava o período concernente para tanto. Em outros momentos, as notícias sobre os jardins de infância públicos compareciam em seções específicas, como as colunas de Yvonne Jean, de Ari Cunha e de Katucha (Baldez, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma análise da organização e expansão dos jardins de infância em Brasília durante as décadas de 1960 e 1970 revela um período marcado por transformações significativas na educação infantil no Brasil. A criação da nova capital federal, com sua infraestrutura planejada e voltada para o futuro, trouxe-lhe a oportunidade de implementar um modelo educacional inovador que pudesse servir de referência para todo o país. Esse modelo buscava atender à crescente demanda da educação pré-escolar, com uma abordagem no desenvolvimento integral das crianças, abrangendo não apenas o aspecto intelectual, mas também social, emocional e físico. A construção de Brasília, enquanto símbolo de modernidade e progresso, refletiu-se na educação, que passou a ser vista como um instrumento essencial para a formação de cidadãos capacitados e preparados para as demandas da sociedade.

As legislações educacionais da época, representadas pela Lei nº 4.024/1961 e pela Lei nº 5.692/1971, refletiram tantos avanços quanto desafios no que diz respeito à garantia do direito à educação pré-escolar. Essas leis ajudaram a estruturar a educação infantil como uma etapa educacional fundamental, mas também revelaram as lacunas e limitações de um sistema que ainda estava em processo de amadurecimento. A Lei nº 4024/1961, por exemplo, distribuídas como bases para a educação infantil, embora de forma tímida, e a Lei nº 5692/1971 tentaram consolidar a obrigatoriedade da educação na infância, mas com uma implementação que nem sempre foi eficaz, deixando claro que ainda havia um longo caminho a percorrer. As políticas públicas, embora em crescimento, enfrentaram desafios relacionados à falta de infraestrutura adequada, capacitação de profissionais e a necessidade de uma maior valorização da educação infantil como uma fase essencial para o desenvolvimento pleno das crianças. Nesse contexto, Brasília, com sua capacidade de experimentação e inovação, tornou-se um cenário privilegiado para a implementação de propostas pedagógicas que visavam atender a essas necessidades e moldar uma nova realidade educacional.

Os jardins de infância, tanto públicos quanto privados, desempenharam um papel crucial na estruturação da educação infantil em Brasília. Enquanto os jardins públicos foram concebidos como parte de um projeto educacional amplo e integrado, os privados surgiram como resposta às demandas das famílias e à influência de instituições religiosas e comunitárias. A imprensa, por sua vez, atuou como um importante veículo de divulgação e reflexão sobre a

educação infantil, destacando a importância dessas instituições na formação das crianças e na organização da vida familiar.

No entanto, a análise também aponta para contradições e limitações. A educação pré-escolar, embora reconhecida como essencial, nem sempre foi priorizada em termos de investimentos e planejamento, especialmente no contexto das políticas públicas nacionais. A concepção de uma "educação compensatória" para crianças em situação de vulnerabilidade social revela uma visão ainda restrita sobre o papel da educação infantil, que deveria ser entendida como um direito universal e não apenas como uma medida paliativa.

Por fim, a experiência de Brasília na organização dos jardins de infância oferece lições valiosas para a educação infantil contemporânea. A integração entre planejamento urbano, políticas públicas e práticas pedagógicas mostrou-se fundamental para garantir um atendimento de qualidade às crianças. Ainda assim, é necessário continuar refletindo sobre como superar os desafios históricos e garantir que a educação infantil seja efetivamente valorizada como uma etapa essencial no desenvolvimento humano e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A história dos jardins de infância em Brasília nos convida, portanto, a olhar para o passado com um olhar crítico, mas também a projetar um futuro em que a educação das crianças pequenas seja verdadeiramente prioritária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Teorizando e apresentando fontes para a pesquisa sobre a história da escola e da escolarização no Paraná. In: SILVA, Eliane Paganini; SILVA, Sandra Salete (orgs.). **Metodologia da pesquisa científica em educação: dos desafios emergentes a resultados iminentes**. Curitiba: editora Ithala, 2016, p. 100-113.

BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências**. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15692](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15692.htm). htm. Acesso em: 18 fev. 2025.

BALDEZ, Etienne; GUIMARÃES, Livia de Avelar Andrade; TAVARES, Thaisa Teixeira. **Inventariando fontes, construindo interpretações históricas: a creche e jardim de infância em Brasília (DF, 1960-1970)**. 2001.

DINIZ, Daylaine Soares. **A alfabetização de crianças nos primórdios de Brasília: uma história singular**. 2012. 84 f. Trabalho Final de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

DPLP. **Velar**. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008/2025. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/velar>. Acesso em: fev. 2025.

FILHO, Aristeo Leite. G. **Políticas para a educação da infância no Brasil nos anos 1960/1960**. 2008. 262 f. Tese (Doutorado em Educação)- PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2008.

FREYRE, Gilberto. Introdução à 1ª edição. In: FREYRE, Gilberto. **Escravos nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. São Paulo: Ed. Nacional, 1979, p. XLVII-LXIII.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. **Escolas Pioneiras de Brasília: 1957 a 1960**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2021/04/Escolas-Pioneiras-de-Brasi%CC%81lia-1957-a-1960.pdf>.

ROSEMBERG, Fúlvia. Sísifo e a educação infantil brasileira. **Revista Pro-Posições**, vol. 14, N. 1 (40), Jan/abr. 2003a.

ROSEMBERG, Fúlvia. Panorama da Educação Infantil brasileira contemporânea. **Simpósio Educação Infantil: construindo o presente**. Anais. – Brasília: UNESCO Brasil, 2003b.

VASCONCELOS Kelly Rocha de Matos; Kuhlmann Júnior, Moysés. Educação infantil e mulheres no Jornal do Comércio: Manaus, década de 1970. **Cadernos de História da Educação**, 21, e131. Epub 13 de setembro de 2022. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-78062022000100062 Acesso em: fev. 2025.

KUHLMANN JR., Moysés. **Infância e Educação Infantil : uma abordagem histórica**, Porto Alegre, v. 1, 2015.

KUBITSCHKE, Juscelino, (2000). **Porque construí Brasília**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial. Em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1039>

PINTO, V. F. F.; MÜLLER, F.; ANJOS, J. J. T. DOS .. **Entre o passado e o presente: contrastes de acesso à educação infantil no Distrito Federal**. Educação em Revista, v. 34, p. e187179, 2018.

SANTOS, Ana Caroline Alves do Amaral dos. **O Jardim de Infância da Escola Normal de Brasília: vestígios de uma prática**. 2020. 127 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) —Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

VINAO FRAGO. Antônio; ESCOLAN Augustín. **Currículo. espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. 2. ed., Rio de Janeiro: DP&A. 2001. p.152.

VELOSO, Elisa Dias, (1970). Simbolismo e Fantasia na criança. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos** v.53, n. 117 jan/mar, 1970. Disponível em: <https://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/issue/view/572/214>. Acesso em: 18 fev. 2025.

(1961). **Plano de Construções Escolares de Brasília**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, 35 (81): 195:199, jan./mar. Disponível em: <https://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/issue/view/468/105>. Acesso em: 18 fev. 2025.